

‘Primus Scottorum’: a subalternização dos Pictos e a fundação da Escócia na Crônica dos Reis de Alba

Kauê J. Neckel

Pesquisador-colaborador (IFCH/Unicamp)

Pós-doutorando (PPGH/UFGS)

Professor substituto (IFC/campus Concórdia)

Doutor em História (PPGH/UFRGS)

neckel.kaue@gmail.com

[ORCID: 0000-0003-0809-9298](https://orcid.org/0000-0003-0809-9298)

Resumo: O objetivo do artigo é investigar a subalternização dos Pictos na fundação da Escócia. Analisamos o discurso e a fortuna manuscrita da *Crônica dos Reis de Alba*, escrita em 971 no reinado de Cináed II mac Mail Coluím (r. 971 – 995). Questionamos: por que o discurso de subalternização dos Pictos foi central no estabelecimento da Escócia? Para respondermos essa pergunta, trazemos à discussão documentos relacionados como a *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, a *Lista dos Reis Pictos* e os *Anais de Tigernach*. Nossa hipótese é de que a subalternização dos Pictos a partir do reinado de Cináed mac Ailpín (r. 840 – 858) foi um elemento fundamental para 1) consolidar a Escócia como uma territorialidade comum compartilhada entre povos Pictos e Irlandeses e 2) para ascender uma nova identidade, os Gaélicos Escotos.

Palavras-chave: Subalternização, Escócia, Pictos.

Abstract: The objective of the article is to investigate the Pictish subalternation in the foundations of Scotland. The investigation analyses the discourse and manuscript fortune of the *Chronicle of the Kings of Alba*, written in 971 during the kingship of Cináed II mac Mail Coluím (971 – 995). We ask: why the discourse of Pictish subalternation was central to the establishment of Scotland? To answer this question, we discuss related documents such as the *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, the *Pictish king-list* and the *Annals of Tigernach*. Our central hypothesis is that Pictish subalternation from the kingship of Cináed mac Ailpín (840 – 858) was a fundamental element in 1) consolidating Scotland as a common territoriality shared between the Picts and in 2) ascending a new identity, the Scots Gaelic.

Keywords: Subalternation, Scotland, Picts.

Introdução

Nas suas primeiras linhas, a *Crônica dos Reis de Alba* (doravante *C.R.A.*) revela a fundação de uma territorialidade comum de povos, a Escócia.¹ Os cronistas registram que “Cináed, filho de Ailpín, primeiro dos Escotos, reinou nessa Pictavia de forma bem-sucedida por dezesseis anos” (*C.R.A.*, 840).² A atribuição a Cináed mac Ailpín (r. 840 – 858)³ como o primeiro rei de Alba e o primeiro dos Escotos (*Primus Scottorum*)⁴ se dá condicionalmente por uma norma: a subalternização dos povos Pictos. “Pictávia, além disso, foi nomeada em função dos Pictos, a quem, como dizemos, Cináed destruiu.” (*C.R.A.*, 840).⁵ O objetivo desse artigo é utilizar dessa declaração da *Crônica dos Reis de Alba* para investigar qual papel os Pictos exerceram na fundação da Escócia no século IX. A *Crônica dos Reis de Alba*, a saber, é um documento escrito em latim e finalizado nos primeiros anos do reinado de Cináed II mac Mail Coluím (r. 971 – 995).

O início da *Crônica dos Reis de Alba* define as inquietações de nosso artigo. Com base nessas declarações dos cronistas, perguntamos: por que o discurso de subalternização dos Pictos foi central no estabelecimento da Escócia? Para fortalecer essa pergunta central, questionamos: quais enredos permeiam a fundação da Escócia? Que posições os Pictos ocupavam na Escócia? Para respondermos essas perguntas, analisamos o discurso político em torno do documento. Nossa ferramenta metodológica parte da concepção de ver uma crônica como um elemento historiográfico com caracteres ficcionais, como aplicou Gabrielle Spiegel (1997, p. xvi). Essa análise discursiva repousa nos trópicos do discurso visualizados na perspectiva de Hayden White (2001) em que a escrita da História se concebe como um enredo que descreve acontecimentos subjetivos guiados por uma narrativa que se movimenta entre o factual e o ficcional. Em função do ponto de vista da crônica partir das pretensões políticas de Cináed II mac Mail Coluím, visualizamos como seu projeto político construiu o enredo da *Crônica dos Reis de Alba* para legitimação de poder da linhagem da Dál Ríata, composta por reis com origem Gaélica.

Nossa principal hipótese para resolução da pergunta central é de que construir amplo domínio sobre os Pictos era necessário não somente pela dominação política, mas também para a construção de uma identidade étnica comum, os Gaélicos Escotos. Essa identidade foi solidificada na produção cronística que se tornou um aporte para expressar

um sentimento de pertencimento bastante afiliado aos grupos Gaélicos hegemônicos. Em nossa perspectiva, os Pictos passaram por processos forçados de subalternização para que Alba, o reino que deu origem à Escócia, sobrevivesse ao contexto de conflitos com os Ingleses Nortúmbrios e os Escandinavos. A junção entre Irlandeses e Pictos fundou as bases da identidade ascendente dos Gaélicos Escotos que se formou em processos contínuos a partir do século IX. Essa subalternização retirou a autonomia política dos Pictos e extinguiu sua língua em torno do século XII, assimilada no gaélico (*Goídelc*), quando o então reino da Escócia já havia se consolidado como uma entidade política altamente conectada com a cultura Gaélica.

Para definir a ideia de subalternização, devemos tomar o conceito como parte integrante das conexões entre as identidades, assim, partimos da leitura teórica de Gayatri Spivak. Para ela, o sujeito subalterno se torna um ‘Outro’, ou, em nossas lentes, um sujeito indesejável de exercer protagonismo nas unidades étnicas. Em nossa perspectiva, os Pictos assumiram o papel de Outro, uma vez que a narrativa da *Crônica dos Reis de Alba* foi centrada na ordenação de um rei Gaélico. O subalterno, nas palavras de Spivak, “certamente não é sujeito desejante como Outro”, mas que ocupa uma posição de outridade. Em suma, ao olharmos os processos de subalternização dos Pictos, nosso objetivo é “tentar revelar e conhecer o discurso do Outro da sociedade”, (SPIVAK, 2010, p. 22), como a autora define o conceito. Quando nos referenciamos aos Pictos, utilizando a teoria de Homi K. Bhabha, tratamos desse povo como “um intervalo híbrido, em que não há distinção, [...] [de] sua posição subalterna inscrita naquele espaço” (BHABHA, 1998, p. 95). Tratamos de matrizes étnico-culturais que são definidas por “uma luta pelo poder entre grupos diversos no interior dos grupos étnicos sobre o que está sendo dito e quem diz o que” (BHABHA, 1998, p. 31). Os Gaélicos do século IX, embora não tenham sido sujeitos coloniais no sentido moderno, forçaram um processo de subalternização dos Pictos pela aplicação de domínio predominantemente de matriz Gaélica. Em nossa ótica, esse processo se consolidou vertiginosamente a partir do reinado de Cináed mac Ailpín.

A *Crônica dos Reis de Alba*: nomenclatura, local e tradição manuscrita

Ao visualizarmos a fortuna manuscrita dos Pictos, o elemento que mais se sobressalta é sua ausência. O único documento escrito sobrevivente com origem exclusivamente Picta é a *Lista de Reis Pictos* (doravante *L.R.P.*)⁶ que atribuiu nome e patronímico para os reis que alcançaram relevância dentre os povos Pictos, vinculados

geralmente ao reino de Fortriu – também descrito como ‘Pictávia’. Os Pictos eram fragmentados em diversos clãs familiares, por vezes que se aliançavam e estabeleciam reinos, ou por vezes conflitavam entre si (WOOLF, 2007, p. 79, p. 93; HUGHES, 1980, p. 1-21).⁷ O conteúdo da *Lista dos Reis Pictos* foi somente até o reinado de Cináed I mac Ailpín, a partir de c. 840, quando a *Crônica dos Reis de Alba* iniciou os seus relatos.

Escrita em torno de 971, o local de fabricação da *Crônica dos Reis de Alba* ainda é discutido. De um lado, existem hipóteses que defendem o monastério de Brechin como seu local de escrita, uma vez que esse é o último local mencionado no documento (FOSTER, 2004, p. 17; COWAN, 1981, p. 3-21). No trecho de 971, ao falar sobre as benfeitorias de Cináed II mac Mael Coluím, a última frase da crônica é que “foi ele quem deu o grande monastério de Brechin ao Senhor” (C.R.A., 971).⁸ Por outro lado, a sede administrativa do reino de Alba se baseava em Fife, o que se tornou uma possibilidade para a escrita da crônica também, ainda que quase todos os reis tenham sido enterrados no monastério de Iona, o centro religioso do reino (FRASER, 2016, p. 1-24). Benjamin Hudson acredita que o documento começou a ser produzido em Dunkeld durante o reinado de Culén mac Indulf (r. 966 – 971) e contou com entradas contemporâneas durante o reinado de Cináed II mac Mail Coluím, que o sucedeu (HUDSON, 1998, p. 135). Em consonância com a quantidade considerável de entradas referentes ao território da Escócia central, acreditamos firmemente que foi nessa região o documento foi concebido. Porém, por conta do indício disposto pelo trecho de 971 da *Crônica dos Reis de Alba*, Brechin nos parece ser o lugar mais provável dado que as evidências documentais não nos parecem forçadas.

A fortuna manuscrita da *Crônica dos Reis de Alba* é restrita a somente um manuscrito. Esse é o *Poppleton MS* que data da passagem do século XIII para o século XIV. Com catalogação identificada como o MS Lat. 4126, foi escrito em pergaminho e está depositado na Biblioteca Nacional da França (BnF). De acordo com Friedman, o MS Lat. 4126 foi finalizado depois de 1357 e provavelmente antes de 1375. O MS Lat. 4126 integra um manuscrito mais velho, provavelmente do século XIII, que continha a *Topographia Hiberniae* de Geraldo de Gales (FRIEDMAN, 1995). A autoria do manuscrito remonta a Roberto de Poppleton, um frei carmelita e padre em York ligado ao convento em Hulne. Foi em York que o manuscrito foi produzido, lugar em que foram usados os recursos da biblioteca para fabricação. Friedman indica que existiram cinco mãos na produção do manuscrito. A primeira mão está entre os ff. 33 e 106, o núcleo mais

velho do manuscrito. A segunda mão é a de Poppleton, descrito como rubricador e amanuense do manuscrito, provavelmente foi ele o responsável por fabricar a *Crônica dos Reis de Alba*. A terceira mão está colocada entre os *folios* 106v e 133v. A quarta mão entre os *folios* 246 e 282 e a quinta mão entre os *folios* 282 e 296. A *Crônica dos Reis de Alba* é o 14º texto do manuscrito, descrito como *Chronica de origine antiquorum Pictorum*, mesmo nome identificado no texto de William F. Skene (1867, p. 3-10), aparece a partir do *folio* 27r e 29v.

Após a morte de Roberto de Poppleton, o *Poppleton MS* foi depositado na biblioteca de William Cecil (1520 – 1598), então Lorde de Burghley. Antes de chegar na França, o MS esteve na Irlanda, onde o anacoreta de Armagh, James Ussher, realizou uma transcrição dele em torno do século XVII (USSHER, 1639). Ficou na Irlanda até ser comprado por Jean Colbert (1619-1683), ministro do rei Luís XIV da França. Essa compra nos indica quando o manuscrito foi movido para a França e explica o porquê de ele estar depositado em uma biblioteca francesa atualmente. Depois disso, passou para o acervo privado de Luís XV, onde recebeu a catalogação atual, MS Lat. 4126.

O nome da crônica que investigamos é tema de debate. William Skene, em 1867, chamou o documento de *Crônica Picta*, um nome relacionado ao enredo da crônica pois incorporou junto ao documento a *Lista dos Reis Pictos* (SKENE, 1867, p. 171-176). Consideramos o nome inapropriado. Embora Skene tenha feito referência aos assuntos da crônica, ele é impreciso ao atribuir valores étnicos para o documento e também em não separar a *L.R.P.* da *C.R.A.* como dois documentos distintos. Para nós, os Pictos, estampados logo nas primeiras linhas, também teriam importância direta. Sua escolha se explica pois o nome catalogado pela BnF valoriza a presença ativa dos Pictos, traduzido como *Crônica das origens dos antigos Pictos* (original: *Cronica de origine antiquorum Pictorum*). Convencionamos que chamar apenas como *Crônica dos Escotos* ou *Crônica Picta* é inexato, pois o tema central do documento é a sucessão real criada a partir da *Lista dos Reis Pictos*. Atribuir referenciais étnicos ao documento deve se restringir ao seu conteúdo, não necessariamente à sua nomenclatura.

Alan Orr Anderson, em 1922, rejeitou a nomenclatura de Skene pois a considerou impraticável (ANDERSON, 1922, p. xlvi). Em seu lugar, nomeou o documento como *Crônica dos Reis da Escócia*. Mesmo assim, acreditamos que esse nome é dúbio. Não havia uma entidade política da Escócia, isto é, um reino consolidado na data da finalização do documento, em finais do século X. Foi apenas em 1058, no reinado de

Malcolm III (r. 1058 – 1093), que a Escócia deixou de ser uma territorialidade comum de povos e passou a ser um reino unificado. Além disso, o nome também pode ser confundido com um texto posterior, do século XIV, que tem um nome parecido no original em Latim em que se acredita que tenha sido a continuidade deste.⁹ Até então, a primeira fase da Escócia se define na nomenclatura do reino de Alba.

David Dumville adotou o nome que consideramos mais preciso: *Crônica dos Reis de Alba* (DUMVILLE, 2000, p. 73-86). Embora Dumville não tenha expressado suas motivações para além de buscar ‘não ser controverso’ (DUMVILLE, 2000, p. 73), oferecemos uma explicação sobre a precisão de sua sugestão em três argumentos. O primeiro é que ‘reis de Alba’ para nomear a crônica é apropriado pois remonta a uma continuidade da proposta do documento que o precedeu, a *Lista dos Reis Pictos*. O segundo é que engloba um dos enredos do documento, nesse caso, as diversas trocas de reis estabelecidas no norte das ilhas Britânicas. O terceiro é que o nome não sugere um caráter essencialista ao documento, mas se relaciona justamente com o aspecto poliétnico do reino de Alba – que estabeleceu governo sobre Pictos, Irlandeses e uma minoria de Bretões Setentrionais. Dessa forma, esse nome respeita os intervalos híbridos na diversidade de matrizes étnico-culturais entre os Pictos e Irlandeses ao identificar a fonte com um nome vinculado aos seus líderes políticos.

No século IX enquanto Alba era a instituição política de governo, o reino, a Escócia era um termo apropriado para expressar pertencimento a uma terra comum compartilhada por um número considerável de pessoas, os Gaélicos. O nome ‘Escócia’ não está isento de disputas, mas define uma identidade ascendente, híbrida entre Pictos e Irlandeses. A ideia de ‘Escócia’ é modelada a partir do ramo identitário que usava esse termo, por vezes, para definir os Gaélicos e diferenciá-los de suas contrapartes da Irlanda (Gaélicos Irlandeses). Já o nome ‘Escoto’ era utilizado dentro e fora da Irlanda para definir os povos descendentes dos Celtas. Próspero da Aquitânia (390 – 465), por exemplo, quando se referenciou à cristianização dos Irlandeses no século V, utilizou o termo *Scottos* para descrever esses povos (PROSPERI, 431 *apud* MOMMSEN, 1892, p. 473).¹⁰ Indicamos que o início da transformação do termo *Scottos* se deu após a expansão da Dál Ríata para o norte da Britânia com o profundo contato dos Irlandeses com os Pictos a partir do reinado de Áedan mac Gabráin (530 – 608).

É importante considerarmos que a bibliografia ainda discute se os Pictos eram um povo Gaélico. Acreditamos que essa discussão depende bastante do período que esse

povo é analisado e, portanto, das fontes consultadas. Recentemente Gordon Noble e Nicholas Evans sugeriram que “as *Listas Reais Pictas* [...] podem ser combinadas com as crônicas irlandesas para enriquecer nosso entendimento das políticas Pictas, enquanto nos dá visões úteis sobre como o passado Picto era percebido” (EVANS & NOBLE, 2022, p. 31).¹¹ Concordamos com a visão dos autores, majoritariamente pois eles se propõem a consultar documentos anteriores ao reinado de Cináed I. Essa visão consolida uma ideia aplicada anteriormente por Sally Foster que o termo *Scotti* (Escotos) “foi usado para significar todos os falantes do Gaélico na Britânia e Irlanda – povos dos quais se referenciavam como *Goídil* (Gaélicos)” (FOSTER, 2004, p. 10).¹² Ao alertar sobre a importância da língua para definir a identidade, Foster afirma: “Somente depois de mudanças políticas [dos Pictos] em c. 900 é apropriado a usar o termo 'Escotos' em seu sentido mais moderno” (FOSTER, 2004, p. 10). Consideramos que os Pictos e Irlandeses tinham origem distintas, mas que, durante o medievo inicial, passaram a entrelaçar suas características étnico-culturais. Para nós ‘Escotos’ pode ser usado a partir do reinado de Cináed I por ser um termo que engloba os dois lados dessas identidades em contato. Da mesma forma, os Pictos somente podem ser considerados Gaélicos a partir do reinado de Cináed I, justamente pelo processo de subalternização ter ganhado cada vez mais corpo.

Ressaltamos esse seio híbrido pois ele envolve a presença de comunidades Irlandesas da Dal Ríata, reino subjogado por Cináed mac Ailpín na fundação de Alba em meados do século IX, e de comunidades Pictas, que cada vez mais estavam em uma posição subalterna. Antes do século IX, outros reis sobre Pictos tinham um nome Gaélico, mas esses eram reis da Dál Ríata. Eles se originavam dos clãs que habitavam a costa de Antrim, no norte da Irlanda, e as ilhas Hébridas, que, por sua vez, formavam linhagens distintas que disputavam hegemonia dentro da Dál Ríata. No século VII, durante o domínio do clã dos Cenél nGabráin sobre os Pictos, um rei denominado Alpín I (r. 726 – 728) governou. Alpín I da Dál Ríata reinou sobre os Pictos por um curto período de tempo em um reinado dividido entre ele e Drest VII (r. 724-726), um rei Picto. Alpín I foi atestado em duas passagens da *L.R.P.* como “*Ailpín filius Ferat*”, Alpín filho de Ferat (*L.R.P.*, 726).¹³ Alpín I também foi mencionado pelos *Anais de Tigernach* que relataram “uma lamentável batalha entre os Pictos em Caislén Credi, e o mesmo Alpín foi expulso e privado de todos os seus territórios e povos” (*AT*, 726.4).¹⁴ Alpín I foi substituído por um rei com nome Picto e com patronímico distinto, Nechtan III (r. 728 – 729) que restaurou o domínio dos Pictos sobre o antigo reino de Fortriu pois havia se aliado a uma

outra linhagem familiar da Dál Ríata, os Cenél Comgaill, clã rival dos Cenél nGabráin. O registro está na *Lista dos Reis Pictos* ao relatarem o reinado de um “*Nechtan filius Derile*”, Nechtán, filho de Derile.¹⁵ Os cronistas dos *Anais de Tigernach* registraram: “Nechtain, filho de Derile, tomou a realeza dos Pictos.” (AT, 726.4)¹⁶ A governança da Dál Ríata dentre os Pictos acabou após nova derrota na batalha de Monadh Croí, em 731, que levou ao poder Onuist mac Vurguist (r. 731-761) que restaurou a autonomia dos Pictos e expulsou os Irlandeses do reino de Fortriu.

Foi somente a partir do século IX que o termo *Scottos* consolidou uma referência mais apropriada aos povos Gaélicos Escotos, enquanto os Gaélicos Irlandeses se vincularam à denominação local, *Éire*, para expressar pertencimento à Irlanda. Durante esse período foram se diferenciando os dois ramos dos povos Gaélicos, mas com uma ancestralidade comum compartilhada. A subalternização dos Pictos, nesse sentido, exerceu um papel ativo nas estratégias de distinção (POHL & REIMITZ, 1998) dos Gaélicos Escotos do norte Britânico com os Gaélicos Irlandeses.

Em relação a sua composição inicial, pois mais que a *C.R.A.* tenha sido escrita em latim, ela foi produzida por falantes de gaélico que tinham o latim como segunda língua. As evidências principais são lacunas, principalmente de letras de palavras completas, que Hudson percebeu (HUDSON, 1998, p. 133). Identificamos alguns pontos que fortalecem essa hipótese na *Crônica dos Reis de Alba*. O idioma gaélico aparece no texto em exemplos como: 1) a manutenção de nomes de palácios como Fothuirtabaicht e Cinnbelathóir (local em que Cináed mac Ailpín faleceu) que não foram latinizados como o nome dos reis (Cináed é registrado como ‘Kinadius’ no BnF MS Lat. 4126 e anglicizado na tradução de Hudson como ‘Kenneth’), isso nos indica como elementos centrais foram mantidos na língua Gaélica (*C.R.A.* 862, MS Lat. 4126, f. 28r); 2) o uso do termo gaélico *Dún* (forte real) na adaptação ao latim (*Opidún Fother*), um sinal de que haviam características híbridas entre o latim e o gaélico na fonte (*C.R.A.* 900, MS Lat. 4126, f. 28v); 3) o termo *n-anni Disi* como uma variante mesclada com o gaélico para identificar o rio Tees, essa manutenção no gaélico nos sugere que a territorialidade era um aspecto importante da construção identitária (*C.R.A.* 950, MS Lat. 4126, f. 29r); 4) o uso do termo gaélico para rei, ‘*ríg*’, para fazer referência ao rei Culén mac Indulf (r. 967-971), o que nos mostra uma preocupação em registrar as sucessões reais com origem gaélica na *Crônica dos Reis de Alba* (*C.R.A.* 971, MS Lat. 4126, f. 29r). O indício linguístico de um

latim com raízes gaélicas sugere que os Gaélicos foram predominantes na fabricação da crônica que concebeu a ideia de Escócia.

Tal latim produzido por falantes do gaélico aponta que os processos de subalternização dos Pictos foram intensos. Primeiramente, já no século IX o idioma gaélico era predominante nos locais de produção de escrita da Escócia. Gordon Noble e Nicholas Evans nos indicam que as comunidades falantes do idioma Picto desapareceram por volta do século XII ou XIII (NOBLE & EVANS, 2022, p. 30-31). Acessar o idioma Picto, portanto, é um desafio (FOSTER, 2004, p. 19-21). Esses povos não deixaram fortuna manuscrita em seu idioma vernáculo, o que reforça a ideia de subalternização forçada, pois seu próprio idioma estava em vias de ser substituído. Essa ausência de escrita no idioma Picto fez com que os estudos voltados especificamente a esses povos sejam majoritariamente oriundos da arqueologia (FOSTER, 2004, p. 21-26; DRISCOLL, 2011, p. 245-280; WINLOW, 2011, p. 335-370; GONDEK, 2011, p. 281-306).

A subalternização dos Pictos no projeto político de Cináed mac Ailpín

Antes de olharmos os processos de subalternização dos Pictos, retomamos a definição do conceito na teoria e como ele se desenvolve a partir da ideia de aculturação. A aculturação é um processo dinâmico e interativo, mas, muitas vezes, forçado para a inclusão de um grupo dentro de outro. Atualizamos a leitura a partir da concepção clássica de ‘aculturação’ disposta por Redfield, Linton e Herskovits (1936) que veem o conceito como um processo de mudança que ocorre quando duas ou mais culturas entram em contato. Para eles, a “aculturação compreende aqueles fenômenos dos quais resultam quando grupos de indivíduos tendo culturas diferentes vem em contato contínuo de primeira mão, com mudanças subsequentes nos padrões culturais de um ou ambos os grupos” (REDFIELD, LINTON & HERSKOVITS, 1936, p. 149).¹⁷ Entretanto, esse padrão cultural não acontece de forma aquiescente, mas se guia por impactos ativos entre um grupo hegemônico e um Outro. Por parte da teoria, dois aspectos são essenciais para a aculturação: a interação e as dinâmicas de transformação. Estes conceitos se aplicam quando olhamos as relações entre Pictos e Gaélicos no início da Idade Média, entretanto, por si só, o prisma da aculturação ainda não é suficiente. Isso porque, nas palavras de Homi K. Bhabha, há “o movimento *anti-dialético* da instância subalterna [que] subverte qualquer ordenação binária ou negadora [...] ele adia o objeto do olhar - 'pois ainda agora vocês olham/mas nunca me veem'” (BHABHA, 1998, p. 91). Em suma, os contatos

étnico-culturais superavam a mera dicotomia separadora entre Picto e Gaélico, por isso, utilizamos a ideia de subalternização. Para nós houve um entrelaçamento étnico-cultural que resultou em uma subalternização ativa de um povo a partir do século IX, no reinado de Cináed mac Ailpín. Inferimos que foi uma estratégia dos Gaélicos Escotos em inserir seus elementos característicos na cultura do Outro, isto é, dos Pictos. A identidade dos Gaélicos se retroalimentava da cultura Picta em uma posição de outridade, como sujeitos indesejados, mas incluídos em suas unidades plurais.

A identidade Picta foi transformada pela imposição das características Gaélicas. Essa transformação foi uma continuidade, aconteceu por consideráveis períodos, e foi dinâmica, fruto de uma interação constante entre os povos. Por sua vez, a identidade Gaélica absorveu traços Pictos, como nos evidencia a fabricação de uma crônica oficial baseada em sua lista real. Mesmo assim, os Pictos não foram percebidos como sujeitos coletivos ativos do processo de interação cultural, pois a *C.R.A.* retrata sua destruição. Ao contrário da perspectiva de aculturação que colocamos acima, nossa perspectiva sobre a subalternização dos Pictos na fundação da Escócia vai de encontro a um processo forçado. Temas como a dominação política e a dominação étnico-cultural foram fundamentais para definir o papel subalterno e forçosamente integrado da cultura Picta aos Gaélicos a partir do século IX.

A subalternização dos Pictos foi ativa na concepção da identidade dos Gaélicos Escotos na *Crônica dos Reis de Alba*. Em primeiro lugar, conforme as hipóteses de Alex Woolf, é muito difícil ter acontecido um desaparecimento completo de um povo das territorialidades da Britânia medieval através da limpeza étnica ou do etnocídio (WOOLF, 2007, p. 115-129). Embora Woolf analise as relações entre Bretões e Ingleses, adaptamos suas proposições. Aplicamos esse prisma para os intercâmbios étnico-culturais entre Pictos e Irlandeses também, uma vez que os problemas de Woolf estão direcionados a um *locus* geográfico semelhante, as ilhas Britânicas, em uma temporalidade próxima.

Investigando as fontes, retomamos o trecho inicialmente da *Crônica dos Reis de Alba* mencionado na introdução desse trabalho. Os cronistas sugeriram a exclusão dos Pictos na interação com os Irlandeses da Dál Ríata. Cináed se tornou o *Primus Scottorum*, portanto, deixou sua marca na fundação da ideia de Escócia na junção dos reinos da Pictávia com a Dál Ríata, pela destruição dos Pictos:

Então Cináed, filho de Ailpín, *primeiro dos Escotos*, reinou nessa Pictávia de forma bem-sucedida por dezesseis anos. A Pictávia, além disso, foi nomeada *em função dos Pictos*, a quem, como dizemos, Cináed destruiu. Pois Deus condescendeu, com razão de sua *perversidade*, *fazê-los alienados* e *com herança ociosa* - eles não somente rejeitaram a missa e o ensinamento do Senhor, mas também não desejavam ser colocados como iguais aos outros na lei da justiça. Aquele homem [Cináed] tomou a realeza da Dál Ríata dois anos antes de vir para a Pictávia. (C.R.A., 840; grifo nosso)¹⁸

Nesse sentido, o enredo da *Crônica dos Reis de Alba* nos dá alguns indícios dessa subalternização. Em primeiro lugar, indicamos que Cináed mac Ailpín foi considerado *Primus Scottorum*, ‘o primeiro dos Escotos’, um visível dispositivo de enredo para mostrar uma identidade em ascensão. Ele tinha um nome gaélico com variante latina (*Kinadius*), o que nos indica sobre a matriz étnica central do enredo. A gaelicização, isto é, a transformação dos Pictos em Gaélicos, foi um resultado de sua subalternização. Esse aspecto é central para nossa argumentação.

Em segundo lugar, a subalternização dos Pictos aparece quando eles são descritos pelos cronistas como perversos (*malicie*), alienados (*alienos*), com herança ociosa (*ac ociosos heierdítate*). Eles eram subalternos porque não queriam ser iguais a outros na lei da justiça (*in iure equitatis aliís*), um indicativo de que os Gaélicos impuseram um caráter submisso aos Pictos como sujeitos políticos dentro do reino recém unificado. Possivelmente, os Pictos tinham um papel distinto dos Gaélicos dentro da aplicação legal no reino, embora nenhuma fonte jurídica do século IX tenha permanecido para afirmarmos mais convictamente. Essa ociosidade da herança foi um instrumento dos autores para justificar que certas comunidades estavam sob processo de gaelicização, ou seja, aqueles Pictos que mantiveram suas características étnico-culturais eram considerados um Outro, alienados e perversos. Enquanto isso, um conjunto de características étnico-culturais Gaélicas foram sobrepostas sobre o conjunto de características Pictas, uma vez que o desaparecimento da língua picta de documentos escritos posteriores nos indica isso. O uso do termo *equitatis* certamente foi um elemento do enredo dos cronistas. Ele nos sugere a hierarquização de Gaélicos e Pictos nesse contexto. Especificamente, o termo nos indica que houve integração forçada dos Pictos na lei Gaélica. Pelo ponto de vista dos cronistas, os Pictos carregavam características consideradas inferiores, a brecha definitiva para imposição de um bem-sucedido projeto político de Cináed mac Ailpín.

Na nossa interpretação, esse dispositivo de enredo não necessariamente expôs uma substituição de uma matriz hegemônica por outra como algo imediato, mas é o início da consolidação de um processo que já era histórico. A *C.R.A.*, assim, evidencia como os Pictos não estavam no protagonismo político. Se tornaram povos subalternizados, pois estavam distantes do centro de poder. Pelo projeto político de Cináed mac Ailpín, sua posição é de dominador e fundador de uma territorialidade comum de povos. Em suma, a subalternização Picta era pré-requisito para a fundação da ideia de Escócia.

Em terceiro lugar, inferimos que a dominação sobre o reino da Dál Ríata foi também necessária para legitimar a fundação da Escócia, a quem Cináed mac Ailpín foi considerado rei. Entretanto, o mesmo tom crítico aos Irlandeses da Dál Ríata não foi colocado, isso nos indica qual matriz étnico-cultural era dominante e qual era subalterna, ou seja, em qual povo estava o ponto de partida dos processos de dominação. A subalternização dos Pictos tinha origem na dominação por parte dos Irlandeses, mas Cináed foi o *Primus Scottorum* porque houve dominação sobre os Pictos. Isso evidencia, portanto, a simbiose de matrizes étnico-culturais. No enredo da *Crônica dos Reis de Alba*, dominar a Pictávia e a Dal Ríata fez com que Cináed se tornasse o primeiro Escoto (*primus Scottorum*).

Esse discurso de dominação sobre um povo vizinho para formar um reino inteiro existia pelo menos desde o século VIII. Quando o monge Beda (673 – 735), um Nortúmbrio, publicou no ano de 731 sua *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (doravante *HE*), uma das matrizes sobre a formação de uma unidade étnico-religiosa dos Ingleses foi o discurso odioso aos Bretões (*HE*, I, XIV; *HE*, V, XXIII). Para nós, o enredo de Beda reforça a existência de um processo que resultou na subalternização dos Pictos. Nessa mesma obra, quando o autor registrou as interrelações entre Pictos e Irlandeses, ele sugeriu que havia uma aproximação familiar já posta em meados do século VIII.

Como os Pictos não tinham esposas, eles pediram aos Irlandeses algumas; os últimos consentiram em dar-lhes mulheres, somente na condição que, em todos os casos de dúvida, eles deveriam eleger seus reis a partir da *linhagem real feminina* em vez da masculina; e é bem-sabido que o costume foi observado dentre os Pictos. (*EH*, I, I; grifo nosso)¹⁹

Antes de mais nada, se a matrilinearidade Picta for levada a sério, ela não corrobora o projeto de subalternização dos Irlandeses aos Pictos. Durante boa parte do

século VII, os Pictos estiveram submissos aos Nortúmbrios (EDMONDS, 2020, p. 23-44; YORKE, 2003, p. 83-85; HUDSON, 2014, p. 14), uma submissão que começou no reinado de Edwin a partir de c. 616 e acabou apenas em 686 na batalha de Dún Nechtáin quando o reino de Fortriu foi restaurado. É necessário ressaltarmos que o monge finalizava a obra em 731, dois séculos e meio antes da publicação da *Crônica dos Reis de Alba*. Porém, Beda terminou seu texto em um momento quase contemporâneo ao aparecimento de Alpín I, um rei gaélico que governou os Pictos antes de Cináed, como apareceu nos já mencionados trechos das *Listas dos Reis Pictos* e nos *Anais de Tigernach*. Pelo menos entre 724 e 731, data da finalização da *HE* por Beda, os Pictos estavam submissos ao reino da Dál Ríata. O erudito tinha ampla circulação na Irlanda e, possivelmente, no norte da Britânia também, como sugeriu Lindy Brady (2022, p. 45). A ideia de matrilinearidade da forma que Beda coloca não aparece em outras fontes escritas além do autor, o que pode ser problemático, mas a ideia da interrelação étnica com dominação dos Gaélicos Irlandeses se repetiu nas *L.R.P.*, nos *AT* e na *C.R.A.* Quiçá, a matrilinearidade tenha sido um dispositivo do enredo de Beda para descrever um processo de interconexão características étnico-culturais que ele via acontecer. Ainda assim, associamos a evidência bedaniana ao conteúdo disposto na *Crônica dos Reis de Alba*, pois é um sinal de que esses contatos cotidianos entre Irlandeses e Pictos eram ativos no norte Britânico pelo menos desde o século VIII. Beda foi um interlocutor anterior ao conteúdo que foi reforçado pela *Crônica dos Reis de Alba* que evidenciou a centralidade de um rei de origem gaélica.

Por outro lado, argumentamos a partir da forma que Beda coloca, pois a listagem real da *Lista dos Reis Pictos* não tem patronímicos como origem para Cináed, apenas para outros reis Pictos anteriores.

[...] Drest, filho de Constantin e Talorcan, filho de Uthoil, reinaram juntos por três anos.
Unen, filho de Unuist reinou três anos.
Unrad, filho de Bargoit reinou três anos.
Bred reinou um ano.
Cinaed, filho de Alpin reinou dezesseis anos. (*L.R.P.*, c. 840, Bodleian MS Laud 610).²⁰

A presença de patronímicos poderia ser um indício de que a matrilinearidade tenha sido uma construção de Beda sobre a história Picta (WOOLF, 1998, p. 148). Por outro lado, existem margens para interpretação contrária. No caso específico de Cináed,

houve uma quebra com os nomes de reis de origem Picta (Drest, Unen, Unrad e Bred) com a adição de um nome Gaélico, Cináed. O patronímico de Cináed como filho de Alpín é diferente do rei que o antecedeu, Bred, o último dos reis com um nome Picto. Como os cronistas da *Crônica dos Reis de Alba* indicaram, quando Cináed mac Ailpín surgiu enquanto líder dos Pictos, sua herança real estava conectada diretamente com a linhagem paterna, mas essa não era Picta. Na *C.R.A.* Cináed, antes de ser o *primus Scottorum*, era o filho de Alpín, *filius Alpíni*, o que indica uma continuidade com os conteúdos dispostos pela *Lista dos Reis Pictos*. Nesse sentido, mesmo antes do século IX já haviam indícios que o nome *Mac* dentre os Gaélicos significava ‘filho/a de’, sempre acompanhado de um nome masculino. Uma evidência de como os patronímicos eram fortes elementos na composição dos clãs familiares. Como posição de poder, foi dado para praticamente todo líder político como indicação de sua linhagem familiar em que *L.R.P.* é uma evidência. Isso formou e fortaleceu a ligação entre os clãs gaélicos tanto da Irlanda e da Escócia.

Consideramos a ascensão de Cináed na *L.R.P.* como um indício de dominação a força e de consequente subalternização política e étnico-cultural, pois os nomes seguintes da *Lista de Reis Pictos* são todos nomes Gaélicos após Cináed, esses que foram registrados na *C.R.A.*²¹ Em suma, esse trecho é uma evidência de como a *Lista de Reis Pictos* e a *Crônica dos Reis de Alba* tinham uma origem semelhante, portanto, não há ruptura. Os documentos, embora distintos, são continuidades em que a *C.R.A.* continuou a listar os reis – não mais Pictos, mas Gaélicos a partir de c. 840 – e deu um enredo aos seus reinados.

A subalternização dos Pictos na fundação da Escócia: o estado da arte

Pois bem, definidas as balizas documentais sobre uma subalternização dos Pictos na fundação da Escócia, olhamos agora para a historiografia recente. Assim como no panorama maior de estudos sobre a Idade Média inicial, a ideia de subalternização ainda não foi instrumentalizada pela historiografia no caso dos Pictos na fundação da Escócia.

No contexto do início do medievo, as obras que estudam as sociedades medievais que estavam dentro e fora do Império Romano no início da Idade Média mencionam em baixa medida as ideias de subalternização. Como um dos primeiros autores a realizarem um estudo amplo sobre o emaranhamento de povos no início da Idade Média, J. M. Wallace-Hadrill (1962), por exemplo, não menciona essa concepção porque ainda não estava em voga no seu tempo de escrita. A ideia também não aparece em Pohl e Reimitz, embora uma concepção semelhante é aplicada pelos autores: “a etnicidade medieval

inicial, ademais, teve uma dupla função de integração e de distinção [...] claramente, etnicidade é sobre ser diferente” (POHL & REIMITZ, 1998, p. 5).²² Essa dupla função pode ser traduzida na subalternização, dado que esses processos de assimilação transformam a identidade do diferente em direção à identidade do subalterno. Guy Halsall, por outro lado, menciona a palavra aculturação, mas não a operacionaliza: “É improvável que esse ‘reaparecimento de tribos’ represente aculturação incompleta. A visão contrária é baseada na descredita teoria ‘caldeirão’ da etnicidade” (HALSALL, 2007, p. 59).²³ O autor atribui a aculturação à natureza multifacetada da etnicidade, sem dar um exemplo concreto. Mesmo assim, não houve avanços da historiografia recente em conectar essa ideia de aculturação a um cenário geral de subalternização dos povos. Também falta, portanto, uma atenção maior da historiografia no que remete a casos específicos, como no esforço para identificar as marcas que os Pictos deixaram na fundação da identidade Gaélico Escota. Embora não faça conexões entre o governo de Cináed mac Ailpín e uma subalternização dos Pictos, a leitura de Alex Woolf dá ênfase às possíveis edições manuscritas que a *Crônica dos Reis de Alba* pôde ter em temporalidades posteriores ao século IX.

Claramente qualquer conteúdo anterior da destruição dos Pictos de Cinaed não foi parte dessa crônica, então a passagem da qual alude deve também ser uma glosa posterior. Parece provável que nosso compilador de c. 1200 achou a *Crônica dos Reis de Alba* em companhia com um registro da destruição dos Pictos da qual ele escolheu não incluir em sua compilação ou que ele incluiu tal registro do qual um copista subsequente omitiu. (WOOLF, 2007, p. 94)²⁴

Woolf tem razão em refletir sobre as possibilidades de edição que o documento sofreu posteriormente. Contudo, esse tipo de investigação não deve engessar as possibilidades de uma tradição que se manteve do século IX até os amanuenses posteriores produzirem os manuscritos. Ao menos olhando as evidências ao nosso alcance, não existem sinais paleográficos de edição visíveis na passagem escrita no *BnF MS Poppleton f. 27r* de forma que o manuscrito fosse materialmente conectado com uma documentação anterior. Certamente pois a cópia é do século XIII foi realizada única e continuamente, o que indica diferenças temporais bastante significativas com o fato descrito do século IX. As sugestões de Woolf encontram sentido também quando pensamos que a datação da ‘destruição’ dos Pictos remonta em torno do século XII. Por

isso consideramos a subalternização dos Pictos como parte do enredo da *C.R.A.*, embora acreditamos que a inclusão tenha sido contemporânea, tal qual as colocações de Hudson (2014, p. 196).

Mesmo assim, as possibilidades colocadas por Woolf são meramente especulativas e ainda não encaram o tema da subalternização. Se formos seguir à risca os indícios dispostos pela documentação, como seguimos, existe uma perspectiva ativa de subalternização que ainda não recebeu a atenção merecida da historiografia especializada. Se o trecho da *Crônica dos Reis de Alba* sobre subalternização dos Pictos for de fato oriundo do século IX, como acreditamos que é, então estamos diante de uma evidência concreta do papel ativo dos Pictos na fundação da Escócia. Se o trecho for uma modificação posterior, compreendemos que a exclusão dos Pictos do projeto político da Escócia se deu em bases consideravelmente essencialistas. Os copistas podem ter feito uma modificação intencionalmente anacrônica, pois já enxergavam a herança compartilhada como um fenômeno do período, seja ele no século IX ou séculos XII-XIII. Especialmente, pois uma identidade em conflito desmantelaria as tentativas de construção das unidades políticas Escocesas constantemente em conflito com o reino da Inglaterra a partir do século XII. De qualquer forma, é inegável o papel ativo que os Pictos tiveram na ideia fundacional da Escócia, independentemente se o trecho que analisamos tenha sido uma edição posterior ou se foi escrito contemporaneamente.

Ainda no tema da subalternização, a colocação de Dauvit Broun nos interessa em função do autor argumentar sobre essa ideia de ruptura com os Pictos ao redor da formação do reino de Alba no século IX. Segundo ele:

Todas as discussões modernas têm como seu ponto de partida o fato que [...] o aparecimento de Alba, conforme o nome do reino, coincide com o desaparecimento de qualquer referência posterior aos Pictos. O reino Picto foi ostensivamente substituído pelo gaélico Alba, como se Alba representasse uma quebra deliberada com a identidade Picta, ou ao menos uma remodelação fundamental da realeza Picta. (BROUN, 2007, p. 71).²⁵

O autor argumenta que uma ‘Britanidade’ do reino de Alba é conhecida sem que o rei seja predominante em todas as ilhas Britânicas. Além disso, Broun infere uma ruptura com os Pictos não como um dispositivo historiográfico, mas como uma faceta da identidade. Interpretamos, no entanto, de forma ligeiramente diferente. Para nós, a quebra

com a identidade dos Pictos foi um dispositivo de enredo para mostrar dominação. Em função dos processos de subalternização constantes, era necessário para Cináed mac Ailpín delimitar a extinção desse povo, como apareceu no trecho que investigamos (C.R.A., 840). Na *Crônica dos Reis de Alba*, Cináed destruiu os Pictos (*Cinadius deleuít*), mas a ideia de destruição dos Pictos foi muito mais um dispositivo de escrita da História e formação do enredo ante uma atitude concreta. Especialmente fortalecemos essa hipótese pois enxergamos a C.R.A. como uma continuidade da *Lista dos Reis Pictos*, que o historiador não incluiu em sua análise. Para nós, ainda que houvesse um ponto de inflexão como Broun argumentou, ele precisa ser endereçado pelo paradigma da subalternização.

Outros historiadores, contudo, tiveram interpretações diferentes. Para Sally Foster, o argumento é que a constituição da Escócia e a soberania sobre os Pictos surgiu junto com as ameaças externas. Para ela, “a ascensão de Cínaed Mac Ailpín em 842/3, detalhou a luta do reino infante para sobrevivência contra os Vikings” (FOSTER, 2004, p. 19).²⁶ De fato, os Escandinavos são mencionados na *Crônica dos Reis de Alba* (C.R.A., 844, 875, 878, 900, 904). Todavia, o argumento da ameaça externa por mais que justifique a coesão interna do reino, não fala diretamente sobre os processos internos de subalternização dos povos Pictos, mas sobre as conexões políticas com a coroa de Wessex. Além disso, não somente essa ameaça externa se concretiza com os Escandinavos, mas também com os povos Ingleses (C.R.A., 858, 950, 952, 971) e Bretões (C.R.A., 858, 915, 971).

Benjamin Hudson, em 2014, interpretou os eventos que analisamos da seguinte forma:

Começando com o reinado de Kenneth ali foi mantido uma crônica contemporânea em seu reino; foi chamada por vários nomes, mas aqui está a *Crônica Escocesa* [...] A *Crônica Escocesa* originalmente deve ter sido embebida em uma cópia da crônica de Próspero da Aquitânia; [...] A *Crônica Escocesa* é essencial para entender as entrelinhas do colapso dos reinos e culturas Pictas [...] Como Kenneth conseguiu seu triunfo é objeto de uma lenda que circulou por séculos entre os Irlandeses concebendo um banquete fatal que ele deu para nobres Pictos em Scone. (HUDSON, 2014, p. 196)²⁷

A análise de Hudson é interessante, mas não está livre de controvérsias. Hudson opta pela nomenclatura própria de sua edição (HUDSON, 1998) se referenciando como *Crônica Escocesa*. Embora o nome seja impreciso, Hudson está correto ao dizer que se

trata de um trecho contemporâneo ao século IX, porém, a ligação com a crônica de Próspero é nebulosa pois as semelhanças não vão além do uso do termo *Scotti*. Mesmo assim, o autor é bem sucedido ao conectar o trecho com as lendas posteriores que circularam a partir do trecho, como no texto escrito em prosa escrito em Irlandês Médio denominado de *Profecia de Brechán*, do século XI, que inclui o mito do assassinato dos nobres Pictos em um banquete organizado por Cináed (HUDSON, 1996). A análise dessa profecia ainda não foi realizada por ninguém na historiografia brasileira e muito parcamente em nível internacional, por isso, merecem a devida atenção em um futuro. De qualquer forma, também não está presente na investigação de Hudson qualquer problematização da posição dos Pictos como povos subalternizados no contexto de ascensão das identidades dos Gaélicos Escotos no reinado de Cináed.

Mesmo em obras recentes, definir as origens de uma identidade escocesa comum é um desafio. Lindy Brady, no seu recente livro lançado em 2022, investiga as lendas de origem de forma separada (BRADY, 2022, p. 28-62). Ela visualiza as interconexões entre Pictos, Irlandeses, Ingleses e Galezes, entretanto, para a identidade dos Gaélicos Escotos, não existe diretamente uma produção. O trecho da *Crônica dos Reis de Alba*, por exemplo, não é abordado pela autora. Isso explica o caráter complexo da fundação da Escócia. De qualquer forma, a autora provém explicações detalhadas e consideráveis sobre os processos de construção dessas identidades, o que coloca a obra como uma das principais publicações recentes sobre os Pictos.

Por fim, Gordon Noble e Nicholas Evans sugeriram recentemente:

Pelo século XIII, a ideia de que os Pictos tinham sido destruídos por Cináed mac Alpín foi estabelecida. [...] No período medieval final, foi claramente difícil entender como a perda completa da língua Picta e da identidade Picta tomou lugar sem discriminação ou substituição étnica, da qual, claro, pode acontecer como tem sido vista em séculos mais recentes. (NOBLE & EVANS, 2023, p. 340-341)²⁸

Os autores estabeleceram o trecho como uma modificação do século XII, não instrumentalizaram qualquer evidência sobre um processo de subalternização. Eles descredibilizaram a *Crônica dos Reis de Alba* como uma fonte factível por conta do *MS Poppleton* ser posterior, do século XIII. Como dissemos em relação às proposições de Woolf, mesmo que o trecho de 840 da *C.R.A.* seja uma modificação posterior, o que discordamos, o súbito desaparecimento das matrizes étnico-culturais dos Pictos nos

indica que essa subalternização foi perpetuada em temporalidades posteriores. Se o trecho foi contemporâneo ou posterior, ele ainda foi uma evidência de uma subalternização que tomou forma.

Inferimos, desta forma, uma ausência da produção científica até aqui que indique correlação entre os Pictos com a dominação Gaélica pelo ponto de vista da subalternização na fundação da Escócia. É por esse prisma que sugerimos uma interpretação alternativa ao processo de criação da Escócia em relação ao que já foi produzido: de que os Pictos, mesmo em papéis subalternos, tiveram ativa participação.

Apontamentos finais

Retomamos nossa pergunta inicial: por que o discurso de subalternização dos Pictos foi central no estabelecimento da Escócia? O ponto essencial é que a construção de uma identidade ascendente dos Gaélicos Escotos era importante para se diferenciar os Irlandeses. O papel dos Pictos foi fundamental nessa diferenciação, pois a subalternização Picta foi uma estratégia de distinção dos Gaélicos Escotos para construir e se diferenciar de seu ramo na Irlanda, uma vez que os povos do norte Britânico se relacionavam ativamente com os Pictos. Enquanto Gaélicos Irlandeses constituíram suas identidades de forma ensimesmada, os Escotos são resultado de características étnico-culturais compartilhadas com os Pictos, mas que esses ocupassem o lugar de um Outro.

Para haver Escócia e para haver a especificidade Escota da matriz étnico-cultural dos Gaélicos, a presença dos Pictos foi fundamental, pois sugeriu elementos singulares à uma identidade Gaélico Escota em ascensão. A evidência disso está no domínio de um rei da gaélica Dál Ríata sobre a Pictávia, algo declarado pelos cronistas quando disseram que Cináed ‘destruiu’ os Pictos. O discurso de destruição dos Pictos foi uma ferramenta dos cronistas para não declarar assertivamente a presença Picta nas unidades Gaélico Escotas. Por consequência, esse discurso foi produzido para que não houvesse clamores ao trono de reis com origem Picta, pois o caráter de legitimação real foi a tônica da produção da *Crônica dos Reis de Alba*.

Assim, a fundação da Escócia foi permeada por um discurso de matriz Gaélica. O rei Cináed mac Ailpín exerceu centralidade como *Primus Scottorum*, o primeiro dos Escotos. O discurso de subalternização sobre e, principalmente, de ‘destruição’ dos Pictos se provou ativo, mas não necessariamente correspondia às ideias relacionadas a limpeza étnica ou de que houve uma ruptura com a matriz étnico-cultural Picta do dia para a noite. De qualquer forma, não podemos relegar ao esquecimento a presença dos Pictos que foi

fundamental no reconhecimento de Cináed como o *Primus Scottorum*, o primeiro dos Escotos. As identidades dos Pictos e Gaélicos estavam em constante negociação no século IX, o resultado foi um amálgama das duas traduzida na identidade ascendente dos Gaélicos Escotos, mas que, até o século XII, os Pictos passaram por um processo de lenta assimilação e integração nas unidades dos Gaélicos.

Na formação do reino de Alba, no século IX, os Pictos passaram a ser subalternizados e perderam protagonismo político. Essa posição de subalternização fez com que houvesse uma miscigenação Gaélico-Picta cada vez mais frequente, uma miscigenação que acontecia pelo menos desde meados do século VIII, quando Beda já registrava a matrilinearidade Picta na conjunção com os Irlandeses e as *L.R.P.* incluíam um rei da Dál Ríata com nomenclatura gaélica, algo que foi perpetuado nos *Anais de Tigernach*.

Mesmo que a ideia de matrilinearidade possa ser questionada, o papel subalterno das matrizes étnico-culturais dos Pictos é inegável. Os Pictos tiveram sua língua aos poucos substituída pela língua gaélica e seus costumes e tradições passaram por um contínuo processo de incorporação às comunidades gaélicas. Está aí o caráter forçado desses processos de subalternização. O resquício linguístico de certos trechos da *Crônica dos Reis de Alba* dá evidências de que essa dominação linguística gaélica já era ativa na construção documental no século X, no reinado de Cináed II mac Mail Coluím.

Conforme se estabeleceu na *Crônica dos Reis de Alba*, Cináed mac Ailpín só se tornou o *Primus Scottorum* pois conseguiu exercer domínio simultaneamente sobre duas entidades políticas: 1) aquela que reunia o conjunto de clãs familiares Pictos, a Pictávia; 2) aquela que reunia a presença dos Gaélicos Irlandeses, a Dal Ríata. Nesse sentido, os Pictos tiveram participação central na divisão de dois ramos étnicos dos povos Gaélicos, que se tornaram predominantes no norte Britânico, pois sua presença fez com que a cultura gaélica do norte Britânico fosse em partes diferente da Irlandesa. Alba se tornou uma entidade política poliétnica, por isso o caráter político do reino de Alba nomeia o nosso documento de investigação, não necessariamente marcadores étnicos como se a crônica fosse ‘dos Pictos’ ou ‘dos Gaélicos’. Por ser uma continuidade Gaélica da *Lista dos Reis Pictos*, é correto nomear o documento como *Crônica dos Reis de Alba* pois o nome não retira o caráter político de sucessão real do documento anterior. Ao colocar em uma narrativa contínua em forma de crônica, compreendemos que a territorialidade

compartilhada entre povos foi um discurso dos cronistas da *Crônica dos Reis de Alba* para fundar as bases do que se consagrou como a Escócia.

A subalternização dos Pictos e a fundação da Escócia pouco foi refletida pela historiografia no que tange ao contexto do século IX. Em outras oportunidades, foram criadas tentativas de desvincular esses dois objetos pelas edições posteriores sofridas pelo manuscrito *Poppleton*, sem dar a devida atenção ao tema da subalternização. Acreditamos que o documento foi contemporâneo. Como as conexões com a *Lista dos Reis Pictos* nos mostram, diversos elementos de continuidade podem ser paralelizados, especialmente no que tange a fortuna escrita. Mesmo se as edições posteriores tivessem alto nível de modificação de conteúdo, o que nos parece improvável, elas mostram como os amanuenses também estavam preocupados em excluir a participação da identidade Picta das fundações da Escócia. Velar uma identidade étnica da história do reino também é um indício de subalternização forçada.

Assim, sem dúvida, nossa conclusão é de que a subalternização dos Pictos foi um elemento fundamental para consolidar dois aspectos: 1) a ideia da Escócia como uma territorialidade comum de povos e 2) a identidade ascendente dos Gaélicos Escotos. Assim, ser ‘Gaélico Escoto’ era pertencer a uma identidade que resultou da somatória desses dois povos e foi perpetuada a partir de então. A aproximação não foi apenas política para a ascensão do reino de Alba, mas, para haver Escócia como uma territorialidade comum de povos, os Pictos deveriam estar presentes, ainda que não em posições de protagonismo político. A partir de então as estratégias de autodeterminação desses povos cada vez mais incluíam Gaélicos e Pictos como um conjunto singular de povos, um elemento que foi predominante no restante da Idade Média. Daí, ascende a identidade dos Escotos. Em suma, o século IX não é somente o nascedouro da Escócia, mas também da ideia de povos Escotos com matriz Gaélica independentes às suas contrapartes Irlandesas.

Fontes primárias

HUDSON, Benjamin. *The Scottish Chronicle*, v. 77, n. 204, 1998. p. 129-161.

BnF Gallica. *Bibliothèque nationale de France, MS Lat. 4126*. Colbert 3120, Poppleton manuscript. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9065949v>. Acessado pela última vez em 20 de maio de 2024.

Fontes secundárias

COLGRAVE, Bertham. MYNORS, R. A. B. **Bede's Ecclesiastical History of the English People**. Oxford: Oxford University Press, 1969. (Abreviado como *EH* no texto)

PROSPERI TIRONIS. Epitoma Chronicon. In: MOMMSEN, Thomas. **Monumenta Germaniae Historica: auctores antiquissimi**. Volume IX. Berlim: Apud Weidmannos, 1892.

SKENE, William F. Chronicle of the Scots. In: SKENE, W. F. **Chronicle of the Picts, chronicle of the Scots and other early memorials of Scottish history**. Edimburgo: H. M. Register House, 1867.

STOKES, Whitley. The Annals of Tigernach. In: D'ARBOIS DE JUBAINVILLE, H. **Revue Celtique. Tome XVII**. Paris: Librairie Émile Bouillon, 1896.

USSHER, James. **Britannicarum ecclesiarum antiquitates: quibus inserta est pestiferae adversus Dei gratiam a Pelagio Britanno in ecclesiam inductae haereseos historia**. Dublin, 1639.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Alan Orr. **Early Sources of Scottish History, AD 500 to 1286**. Londres: Oliver & Boyd, 1922.

BRADY, Lindy. Bede's Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum and the Origins of the Picts. In: BRADY, Lindy. **The Origin Legends of Medieval Ireland and Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. p. 45.

BROUN, Dauvit. Alba as 'Britain' after 900 and the Pictish ascendants of the Kingdom of the Scots. In: BROUN, Dauvit. **The idea of Britain and the origins of the Scottish independence: from the Picts to the Declaration of Arbroath**. Edimburgo: Edimburgh University Press, 2007.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

COWAN, E. J. The Scottish Chronicle in the Poppleton Manuscript. **Innes Review**, v. 23, 1981. p. 3-21.

DOWNHAM, Clare. Scottish Affairs and the Political Context of Cogadh Gaedhen re Gallaibh. In: COOIJMANS, Christian. **Traversing the Inner Seas: contacts and continuity in and around Scotland, the Hebrides and north of Ireland**. Edimburgh: University of Edinburgh, 2017. p. 86-106.

DRISCOLL, Stephen T. Pictish archaeology: persistent problems and structural solutions. In: DRISCOLL, Stephen T. GEDDES, Jane. HALL, Mark A. (orgs.). **Pictish Progress: New Studies on Northern Britain in the Early Middle Ages**. Glasgow: Brill, 2011. p. 245-280.

DUMVILLE, David. The Chronicle of the Kings of Alba. In: TAYLOR, Simon. **Kings, Clerics and Chronicles in Scotland, 500-1297**. Dublin: Four Courts Press, 2000. p. 73-86.

EDMONDS, Fiona. Exile and Emperors: Gaelic-Northumbrian relations in the Golden Age. In: EDMONDS, Fiona. **The Gaelic Influence in the Northumbrian Kingdom**. Martlesham: The Boydell Press, 2020. p. 23-44.

FOSTER, Sally. **Picts, Gaels and Scots**. Londres: Batsford, 2004.

FRASER, James E. **Iona and the burial places of the Kings of Alba**. Cambridge: Department of Anglo-Saxon, Norse & Celtic, 2016.

FRIEDMAN, John Block. **Northern English books, owners and makers in the late Middle Ages**. Nova York: Syracuse University Press, 1995.

GONDEK, Meggen. NOBLE, Gordon. Together as One: The Landscape of the Symbol Stones at Rhynie, Aberdeenshire. In: DRISCOLL, Stephen T. GEDDES, Jane. HALL, Mark A. (orgs.). **Pictish Progress: New Studies on Northern Britain in the Early Middle Ages**. Glasgow: Brill, 2011. p. 281-306.

HALSALL, Guy. **Barbarian Migrations and the Roman West, 376-568**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HUDSON, Benjamin T. **Prophecy of Berchán: Irish and Scottish high-kings of the Early Middle Ages**. Westport: Greenwood Press, 1996.

HUDSON, Benjamin. **The Picts**. Chichester: Wiley & Blackwell, 2014.

HUGHES, Kathleen. **Celtic Britain in the early Middle Ages: studies in Scottish and Welsh sources**. Woodbridge: Routledge, 1980. p. 1-21.

NOBLE, Gordon. EVANS, Nicholas. **Picts: scourge of Rome, rulers of the North**. Edimburgo: Birlinn Books, 2022.

PEREIRA, Juliet Schuster. **A construção da identidade picta em escritores do Império Romano durante o governo romano na Britannia (43 - 409 e.c.)**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. 48p.

POHL, Walter. REIMITZ, Helmut. **Strategies of Distinction: the construction of Ethnic communities, 300-800**. Leiden: Brill, 1998.

REDFIELD, Robert. LINTON, Ralph. HERSKOVITS, Melville J. Memorandum on the study of acculturation. **American Anthropologist**, v. 38, n. 1, 1936. p. 149-152.

SPIEGEL, Gabrielle. **The Past as Text: The Theory and Practice of Medieval Historiography**. Baltimore, John Hopkins Univers. Pr., 1997.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WALLACE-HADRILL, James M. **The Barbarian West, A.D. 400-1000: the Early Middle Ages**. Nova York: Harper Torchbooks, 1962.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: ensaio sobre a crítica da cultura. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2001.

WINLOW, Sarah. A Review of Pictish Burial Practices in Tayside and Fife. In: DRISCOLL, Stephen T. GEDDES, Jane. HALL, Mark A. (orgs.). **Pictish Progress**: New Studies on Northern Britain in the Early Middle Ages. Glasgow: Brill, 2011. p. 335-370.

WOOLF, Alex. Apartheid and Economics in Anglo-Saxon England. In: HIGHAM, Nicholas J. (org.). **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 115-129.

WOOLF, Alex. **From Pictland to Alba, 789-1070**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2007.

WOOLF, Alex. Pictish Matriliney reconsidered. **The Innes Review**, v. 49, n. 2, 1998. p. 148.

YORKE, Barbara. Northumbria and the Celtic kingdoms in the seventh century. In: YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. Londres e Nova York: Routledge, 2003. P. 83-85.

¹ A edição da *Crônica dos Reis de Alba* que usamos é traduzida por Benjamin Hudson do latim ao inglês contemporâneo. Ver: HUDSON, Benjamin. **The Scottish Chronicle**, v. 77, n. 204, 1998. p. 129-161. Não seguimos a edição estritamente, mas adaptamos os trechos ao português a partir de uma leitura instrumental.

² Original em Latim: “Kínadius igitur filius Alpín primus Scottorum rexit feliciter istam annis xvi Pictaúiam.”

³ Cináed Mac Ailpín é a forma gaélica do nome Kenneth MacAlpin, em sua versão anglicizada, ou Kenneth I da Escócia. Trata-se da mesma pessoa, entretanto, optamos por utilizar a nomenclatura na língua gaélica por se aproximar ao desenvolvimento de nossa hipótese central da mesma forma que Dumville utiliza. Ver: DUMVILLE, David. *The Chronicle of the Kings of Alba*. In: TAYLOR, Simon. **Kings, Clerics and Chronicles in Scotland, 500-1297**. Dublin: Four Courts Press, 2000. p. 75. BROUN, Dauvit. **The idea of Britain and the origins of the Scottish independence**: from the Picts to the Declaration of Arbroath. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2007. p. 72.; DOWNHAM, Clare. *Scottish Affairs and the Political Context of Cogadh Gaedhen re Gallaibh*. In: COOIJMANS, Christian. **Traversing the Inner Seas**: contacts and continuity in and around Scotland, the Hebrides and north of Ireland. Edimburgo: University of Edinburgh, 2017, p. 91.

⁴ Alba’ é um nome usado para se referir à Escócia entre 843 e 1286. Nesse caso, 843 é o ano em que Cináed mac Ailpin estabelece governo sobre os Pictos e sobre os Irlandeses da Dál Ríata, que até então eram entidades políticas separadas. Esse nome fica em voga até 1286, data da Primeira Guerra de Independência Escocesa contra o domínio de Eduardo V da Inglaterra (1272 – 1307).

⁵ Original em Latim: “Pictaúia autem a Pictis est nominata quos ut diximus Cinadius deleuít.”

⁶ A fortuna desse documento pode ser visualizada em Oxford, Bodleian MS Laud 610, Trinity College Dublin, MS 1336, Dublin Royal Irish Academy MS Stowe D ii I. Ele está diretamente relacionado ao texto *Lébor Bretnach*, que é a tradução da *Historia Brittonum* de Nênio, publicada no século IX, ao idioma Gaélico. A *Lista dos Reis Pictos* (doravante *L.R.P.*) é tanto uma base para a *Crônica dos Reis de Alba* quanto para entradas relacionadas aos Pictos na *Anais Irlandeses*.

⁷ Os principais clãs familiares que se destacam na *Lista dos Reis Pictos* são: Cait, Círcinn, Cé, Fíb, Fotla e Fortrenn. Esse último durante o século VII, especialmente após a batalha de Dún Nechtáin em 686, unificou os Pictos sob um único reino, Fortriu, principal reino Picto até a tomada de Cináed mac Ailpín já no século IX. Ver: WOOLF, A. *Alba as ‘Britain’*. In: WOOLF, A. *From Pictland to Alba*. Ibid. p. 79 e p. 93. Ver

também: HUGHES, Kathleen. **Celtic Britain in the early Middle Ages: studies in Scottish and Welsh sources.** Woodbridge: Routledge, 1980. p. 1-21.

⁸ Original em Latim: “Hic est quí tribuít magnam cúitatem Brechne Domino.” Ver também: COWAN, E. J. The Scottish Chronicle in the Poppleton Manuscript. **Innes Review**, v. 23, 1981. p. 3-21.

⁹ *Chronica Regum Scotorum annos trecentos et quatuordecim complectentia.* 15º texto do *Poppleton MS Lat. 4126* da Biblioteca Nacional da França.

¹⁰ De acordo com Próspero da Aquitânia, que continuou a crônica de Jerônimo, em 431 Paládio foi mandado ‘a todos os Irlandeses que creem em Cristo’, no latim: “Ad Scotos in Christum credentes”. Ver: PROSPERI TIRONIS. *Epitoma Chronicon.* In: MOMMSEN, Thomas. **Monumenta Germaniae Historica: auctores antiquissimi.** Volume IX. Berlim: Apud Weidmannos, 1892. p. 473.

¹¹ Tradução livre de: “The Pictish king-lists [...] can be combined with the Irish chronicles to enrich our understanding of Pictish politics, while also giving us useful insights into how the Pictish past was perceived”.

¹² Tradução livre de: “It was used to mean all Gaelic speakers in Birtain and Ireland - people to themselves as (Goídil), Gaels. [...] Only after political changes c. 900 is it appropriate to begin to use the term 'Scots' in its modern sense.”

¹³ L. R. P., 726. Disponível em: SKENE, William F. *Chronicle of the Scots.* In: SKENE, W. F. *Chronicle of the Picts, chronicle of the Scots and other early memorials of Scottish history.* Edimburgo: H. M. Register House, 1867. P. cxxiii.

¹⁴ Original em Latim Hibernico: “Cath through iter Picardachaib ac Caislen Credhi, 7 romemaidh ar in Ailphin cetna, 7 robenadh a cricha 7 a daine de uile”. A edição que utilizamos para consultar os *Anais de Tigernach* é a edição bilíngue STOKES, Whitley. *The Annals of Tigernach.* In: D’ARBOIS DE JUBAINVILLE, H. **Revue Celtique. Tome XVII.** Paris: Librarie Émile Bouillon, 1896. p. 234.

¹⁵ SKENE, William F. *Chronicle of the Scots.* In: SKENE, W. F. *Chronicle of the Picts, chronicle of the Scots and other early memorials of Scottish history.* Edimburgo: H. M. Register House, 1867. P. cxxiii.

¹⁶ Original em Latim Hibernico: “7 rogab Nechtain mac Derili ríghi na Picardach.” STOKES, Whitley. *The Annals of Tigernach.* In: D’ARBOIS DE JUBAINVILLE, H. **Revue Celtique. Tome XVII.** Paris: Librarie Émile Bouillon, 1896. p. 234.

¹⁷ Tradução livre de: “Acculturation comprehends those phenomena which result when groups of individuals having different cultures come into continuous first-hand contact, with subsequent changes in the original cultural patterns of either or both groups.”

¹⁸ Original em Latim: “Kinadius igitur filius Alpíní primus Scottorum rexit feliciter istam annis xvi Pictaúiam. Pictaúia autem a Pictis est nominata quos ut diximus Cinadius deleuít. Deus enim eos pro merito sue malicie alienos ac occiosos hierdítate dignatus est facere qui illi non solum Domini míssam ac preceptum spreruerunt sed et in fure equítatis aliís equi parari noluerunt. Isti uero biennio antequam ueníret Pictaúiam Dalriete regnum suscepit.”

¹⁹ Original em Latim: “Cumque uxores Picti non habentes peterent a Scottis, ea solum condicione dare consenserunt, ut ubi res ueniret in dubium, magis de feminea regum prosapia quam de masculina regem sibi eligerent; quod usque hodie apud Pictos constat esse seruatum.”

²⁰ Original em Latim: “Drest filius Constantin 7 Talorc filius Uuthoil iii. annis conregnauerunt.

Unen filius Unuíst iii. annist regnavit.

Unrad filius Bargoit iii. annis regnavit 7.

Bred iº anno regnavit.

Cinaed filius Alpin xvi. annis regnavit.

Domnall filius Alpin iiiii. annis regnavit.” Visualizado em SKENE, W. *Chronicle of Picts, chronicle of Scots.* Op. cit. p. 27.

²¹ Estes foram: Donald I mac Ailpín (C.R.A., 862), Caunstantín I mac Cináed (C.R.A., 862), Áed mac Niall (C.R.A., 878), Eocháid mac Rhun (C.R.A. 879), Donald II mac Cuanstantín (C.R.A., 900), Caunstantín II mac Áed (C.R.A., 904), Niall mac Áed (C.R.A., 919), Eocháid II mac Ailpín (C.R.A., 950), Mael Coluím mac Donald (C.R.A., 950), Indulf mac Caunstantín (C.R.A., 963), Dub mac Mael Coluím (C.R.A., 965) e, finalmente, Cináed II mac Mael Coluím (C.R.A., 971).

²² Tradução livre de: “Early medieval ethnicity, therefore, had a double function of integration and of distinction. [...] Clearly, ethnicity is about being different.”

²³ Tradução livre de: “It is unlikely that these ‘reappearing tribes’ represent incomplete acculturation. The contrary view is based upon the discredited ‘melting-pot’ theory of ethnicity.”

²⁴ Tradução livre de: “Clearly any prior account of Cinaed's destruction of the Picts was not part of this chronicle, so the passage to which it alludes must also be a later gloss. It seems likely that either our compiler of c. 1200 found CKA in company with an account of the destruction of the Picts which he chose

not to include in his compilation, or that he did include such an account which a subsequent copyist omitted.” WOOLF, Alex. Last days of the Pictish kingdom (839-889). In: WOOLF, Alex. *From Pictland to Alba*. Op. cit. p. 94.

²⁵ Tradução livre de: “All modern discussions have as their starting point the fact that [...] the appearance of Alba as the kingdom’s name coincides with the disappearance of any further reference to the Picts. The Pictish kingdom was ostensibly replaced by Gaelic Alba, as if Alba represented a deliberate break with Pictish identity, or at least a fundamental refashioning of Pictish kingship.” BROUN, Dauvit. Alba as ‘Britain’ after 900 and the Pictish ascendants of the Kingdom of the Scots. In: BROUN, Dauvit. **The idea of Britain and the origins of the Scottish independence: from the Picts to the Declaration of Arbroath**. Edimburgo: Edimburgh University Press, 2007. p. 71.

²⁶ Tradução livre de: “The accession of Cinaed mac Ailpín in 842/3, detailing the infant kingdom’s struggle for survival against the Vikings”. In: FOSTER, S. *Picts, Gaels and Scots*. op. cit. p. 19.

²⁷ Tradução livre de: “Beginning with Kenneth’s reign there was kept a contemporary chronicle in his kingdom; it has been called various names, but here it is the Scottish Chronicle [...] The Scottish Chronicle originally might have been embedded in a copy of Prosper of Aquitaine’s chronicle; [...] The Scottish Chronicle is essential for understanding the outline of the collapse of the remaining Pictish kingdoms and culture. [...] How Kenneth achieved his triumph is the subject of a legend that circulated for centuries among the Irish concerning a fatal banquet that he gave for the Pictish nobles at Scone.”

²⁸ Tradução livre de: “By the 12th century, the idea that the Picts had been destroyed by Cináed mac Alpín was established [...] In the later medieval period, it was clearly difficult to understand how the complete loss of the Pictish language and the Pictish identity took place without discrimination and ethnic replacement, which of course can happen as has been seen in more recent centuries.”